

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Formas de articulação. *In*: KOCH, Ingedore G.V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 81-101

Capítulo 6 **Formas de articulação textual**

As formas de articulação ou progressão textual constituem uma das questões que têm permeado as reflexões dos linguistas de texto desde os primeiros momentos (cf. capítulos I e II).

A progressão textual pode realizar-se por meio de atividades formulativas em que o locutor opta por introduzir no texto recorrências de variados tipos, entre as quais se podem destacar: reiteração de itens lexicais, paralelismos, paráfrases, recorrência de elementos fonológicos, de tempos verbais etc.

A reiteração ou repetição de itens lexicais tem por efeito trazer ao enunciado um acréscimo de sentido que ele não teria se o item fosse usado somente uma vez, já que não existe jamais uma identidade total de sentido entre os elementos recorrentes, ou seja, cada um deles traz consigo novas instruções de sentido que se acrescentam às do termo anterior.

(1) Ela olhava ansiosa pela janela. Mas chovia, chovia, chovia...

No caso do paralelismo, o enunciado constrói-se com a utilização das mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes. O paralelismo sintático é, freqüen-

temente, acompanhado de um paralelismo rítmico ou similitudência:

- (2) (...) Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante; se com ódio, o gigante é pigmeu (...) (Pe. Antônio Vieira, "Sermão da Quarta-Feira").

Se, no paralelismo, há recorrência de estruturas sintáticas preenchidas com elementos lexicais diferentes, tem-se, na paráfrase, um mesmo conteúdo semântico apresentado sob formas estruturais diferentes.

Cabe ressaltar, porém, que, da mesma forma que na recorrência de termos, a cada reapresentação do conteúdo, ele sofre alguma alteração, que pode consistir, muitas vezes, em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou precisão maior do sentido primeiro. Cada língua possui uma série de expressões lingüísticas introdutoras de paráfrases, como: *isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo* etc. (cf. capítulo VIII). Por exemplo:

- (3) (...) Atribuir características negativas aos que nos cercam significa ressaltar nossas qualidades, reais ou imaginárias. Quando passamos da idéia à ação, *isto é*, quando não apenas dizemos que o outro é inferior, mas agimos como se de fato ele o fosse, estamos discriminando as pessoas e os grupos por conta de uma característica que atribuímos a eles.

Em se tratando da recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou supra-segmentais, tem-se a existência de uma invariante fonológica, como igualdade de *metro, ritmo, rima, assonâncias, aliterações* etc.

- (4) Cessa o teu canto!
Cessa, que, enquanto o ouvi,
Ouvia uma outra voz

Como que vindo dos interstícios
Do brando encanto
Com que o teu canto vinha até nós (...)
(Fernando Pessoa)

Por fim, a recorrência, por ocasião da progressão textual, de um mesmo tempo verbal pode trazer indicações ao leitor/ouvinte sobre se a seqüência deve ser interpretada como comentário ou como relato, se a perspectiva é retrospectiva, prospectiva ou zero, ou ainda, se se trata de primeiro ou segundo plano, no relato. Veja-se o exemplo (5), em que o primeiro parágrafo estabelece o segundo plano da narrativa (verbos no pretérito imperfeito do indicativo) e, no segundo parágrafo, o uso do pretérito perfeito assinala a mudança para o primeiro plano:

- (5) O luar iluminava a paisagem fantástica. Ouvia-se o coaxar dos sapos e o trilar dos grilos. O ar embalsamado e o cintilar das estrelas convidavam ao romance.
De súbito, vindo não se sabe de onde, um grito cortou a magia da noite.

A presença de elementos de recorrência num texto produz quase sempre um efeito de intensificação, de ênfase, isto é, tem função retórica. "Martela-se" na cabeça do ouvinte/leitor, repetindo palavras, estruturas, conteúdos semânticos, recursos sonoros etc., de tal modo que a mensagem se torne mais presente em sua memória – não é o que faz a propaganda? – e ele acabe por criar um hábito ou aceite sua orientação argumentativa.

Por outro lado, pode haver progressão textual sem recorrências estritas, na qual a continuidade de sentido é garantida por outros recursos ou procedimentos lingüísticos. Tais recursos constituem-se, também, em fatores de coesão textual e interferem de maneira direta na construção da coerência na medida em que garantem a manutenção do tema, a progressão temática, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou meno-

res do texto, a ordenação e articulação de seqüências textuais (para um aprofundamento dessas questões, cf. Koch, 1989, 1997). Passemos a examinar os mais importantes desses procedimentos.

Uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical

Uma das formas de garantir a continuidade de sentidos no texto é o uso de termos que fazem parte de um mesmo campo lexical, isto é, cujos referentes, em termos cognitivos, pertencem a um mesmo *frame* ou *script*. A ativação de elementos componentes do mesmo esquema cognitivo, por meio da utilização de termos de um mesmo campo lexical, é responsável pela manutenção do tema ou tópico discursivo, como se pode ver no exemplo abaixo:

- (6) A *estação* estava apinhada de gente. *Trens* chegavam e partiam de instante a instante. *Carregadores* com carrinhos cheios de *malas* tropeçavam uns nos outros. O silvo dos *apitos* e o burburinho dos *viajantes* eram ensurdecedores. Como poderia encontrar ali a moça recém-chegada que eu deveria conduzir à estalagem?

Encadeamentos de enunciados

Um importante mecanismo de progressão textual consiste no encadeamento de enunciados por *justaposição*, com ou sem articuladores explícitos, ou por *conexão* (com a presença de conectores).

Encadeamento por justaposição

Como já foi mencionado, diferentemente do que acontecia em outros países, uma das tônicas do período em tela entre os estudiosos da Linguística Textual na Alemanha foi

o estudo dos encadeamentos por simples justaposição. Isenberg (1968), por exemplo, para quem a interpretação desses enunciados é explicável por uma teoria lingüística do texto, distingue, entre outros, os seguintes tipos do que denomina *textualização* (*Vertextung*):

Conexão causal:

- (7) A lâmpada não acende. A corrente elétrica está interrompida.

Conexão de motivos:

- (8) João desceu à adega. Ele foi buscar uma garrafa de vinho.

Interpretação diagnóstica:

- (9) Geou durante a noite. Os canos de aquecimento estão rachados.

Especificação:

- (10) Aconteceu um desastre. José atropelou uma criança.

Agrupamento metalingüístico (“metatematização”; indicação de um denominador comum, segundo Lang [1971]):

- (11) Meu irmão ganhou um cachorro. Minha tia quebrou a perna. A cozinheira faltou. Fiquei sabendo de tudo isso ao chegar em casa à noite.

Em (11), somente o último enunciado é que vai fornecer o ponto de referência comum para a interpretação da seqüência como um texto.

Conexão temporal:

- (12) O atacante avança. Um jogador adversário impede-lhe a passagem e tira-lhe a bola...

Conexão de pressupostos:

- (13) As crianças foram tomar sorvete. Alguém deve ter-lhes dado o dinheiro.

Contraste adversativo:

- (14) Maria é uma garota simpática. Seu irmão, pelo contrário, é muito carrancudo.

Correção de asserções precedentes:

- (15) Aí, Maria viu João. Não, foi João que viu Maria.

Comentário:

- (16) Os índices de desemprego continuam altos. É um escândalo.

Confronto/comparação:

- (17) Luís tem cabelos compridos. Seu irmão os tem ainda mais longos.

Também Lang (1971), ao argumentar a favor da necessidade de uma gramática de texto, mostra que, em muitos casos, a interpretação de um texto só é possível quando se considera a existência de um elo entre enunciados, não explícito no texto, mas explicitável a partir dele. O autor discute os seguintes exemplos:

- (18) Geou e as flores estão congeladas.
(19) As flores estão congeladas porque geou.
(20) Geou, pois as flores estão congeladas.

Enquanto em (18) e (19) existe uma relação causal entre os dois enunciados, em (20) o primeiro enunciado contém uma inferência indutiva, que ele denomina "interpretação diagnóstica", já que é preciso inserir entre os dois enunciados o elo *concluo que*. A forma lingüística explícita seria:

- (20') As flores estão congeladas. Concluo que deve ter geado.

Da mesma forma, em:

- (21) Suma daqui, que estou cansado!

o segundo enunciado não modifica o primeiro, mas sim um performativo implícito, de modo que a forma explícita seria:

- (21') Porque estou cansado, ordeno-te que sumas daqui.

A justaposição, contudo, não se restringe aos tipos acima mencionados, já que pode ser realizada também com o uso de elementos de articulação temporais, espaciais, lógico-semânticos e discursivos que não constituam conectores propriamente ditos (cf. Koch, 1989, 1992, 2002). É o caso dos exemplos abaixo:

- (22) *O casal brigava muito e acabaram se separando. Durante muito tempo, ficaram sem se ver. Certo dia, porém, encontraram-se casualmente numa recepção. Poucos dias depois, estavam novamente juntos.*
(23) *Caminhávamos pela estrada deserta. De um lado, plantações estendiam-se a perder de vista. Do outro lado, um bosque cerrado impedia a visão. À nossa frente, só terra e pó.*
(24) *O prefeito andava sempre doente. Por esta razão, o município encontrava-se praticamente abandonado.*
(25) *O reitor não compareceu à manifestação. Com toda a certeza, estava tentando esquivar-se das críticas.*

Encadeamento por conexão

O encadeamento por conexão ocorre quando do uso de conectores dos mais diversos tipos. Também neste caso as relações estabelecidas entre enunciados podem ser de cunho lógico-semântico ou discursivo-argumentativo (cf. Koch, 1984, 1987, 1989, 1992, 2002). Contemplam-se aqui não apenas as conjunções propriamente ditas, mas também locuções con-

juntivas, prepositivas e adverbiais que têm por função interconectar enunciados. Existem, inclusive, autores que estabelecem distinção entre as categorias de *coesão*, que seria apenas a referencial, e *conexão*, como é o caso de Charolles (1978).

São exemplos de relações lógico-semânticas:

Causalidade:

(26) Nosso candidato foi derrotado porque houve infidelidade partidária.

(27) Nosso time lutou tanto que acabou vencendo o jogo.

Visto que a noção de causalidade encerra necessariamente dois argumentos – a causa e a consequência –, tanto (26) como (27) são expressões da causalidade. A diferença, portanto, é apenas de ordem sintática, estrutural (cf. Koch, 1989, 1987, 2002).

Mediação (causalidade intencional):

(28) Farei o que estiver ao meu alcance para que nosso plano seja coroado de sucesso.

Condicionalidade:

(29) Se os resultados forem positivos, poderemos pedir prorrogação do prazo para a pesquisa.

Temporalidade:

(30) Quando você chegar ao aeroporto, avise-me, que irei buscá-la (tempo pontual).

(31) Depois que você terminar o serviço, venha até aqui (tempo posterior).

(32) Antes que chova, vou recolher as roupas que estão no varal (tempo anterior).

(33) Enquanto você termina o trabalho, vou regar as plantas (tempo simultâneo).

(34) À proporção que os recursos forem chegando, faremos os investimentos necessários (tempo progressivo).

Conformidade:

(35) Os investimentos deverão ser feitos conforme o programa preestabelecido.

Disjunção:

(36) Ontem a seleção brasileira enfrentou a Argentina. Ganhamos? Ou perdemos?

A distinção entre relações lógico-semânticas e discursivo-argumentativas tem sua origem nos trabalhos de Ducrot (1972, 1973, 1976, 1980, entre outras). Entre as relações discursivo-argumentativas, por meio das quais se encadeiam atos de fala em que se enunciam argumentos a favor de determinadas conclusões, podem-se destacar as seguintes:

Conjunção (soma) de argumentos:

(37) A equipe brasileira deverá vencer a competição. Não só possui os melhores atletas, como também o técnico é dos mais competentes. Além disso, tem treinado bastante e está sendo apontada pela imprensa como a favorita.

Disjunção argumentativa (tem o efeito de uma provocação/conclamação do interlocutor a uma concordância):

(38) Acho que você deve reivindicar o que lhe é devido. Ou vai continuar se omitindo?

Justificação ou explicação, por meio de um novo ato de fala, de um ato de fala anterior (e não simplesmente de seu conteúdo proposicional):

(39) Prefiro não sair, pois estou um pouco gripada.

(40) Vá ver o filme, que você vai gostar!

Comparação (estabelece confronto entre dois elementos, tendo em vista determinada meta a ser alcançada):

(41) Acho que não há necessidade de convocar o Plínio. O Mário é tão competente quanto ele.

Conclusão (a partir de uma premissa maior geralmente implícita e de uma premissa menor explícita, extrai-se uma conclusão):

(42) Já temos toda a documentação necessária. Portanto, podemos encaminhar o projeto imediatamente.

Comprovação (o locutor apresenta provas de que sua asserção é verdadeira):

(43) A sessão foi muito demorada. Tanto que a maior parte dos presentes começou a retirar-se.

Generalização:

(44) Lúcia ainda não sabe que carreira pretende seguir. Aliás, é o que está acontecendo com grande número de jovens na fase pré-vestibular.

Modalização da força ilocucionária:

(45) Vou entregar hoje os resultados da perícia. *Ou melhor*, vou fazer o possível.

Correção:

(46) O professor não me parece muito compreensivo. *De fato (na verdade, pelo contrário)*, acho que deve ser rigorosíssimo.

Reparação:

(47) Irei a sua festa de aniversário. *Isto é*, se eu for convidado.

Especificação ou exemplificação:

(48) Muitos de nossos alunos estão desenvolvendo pesquisas no exterior. *Por exemplo* (a saber), Mariana está na França e Marcelo, na Alemanha.

Contrajunção (oposição, contraste de argumentos):

Estabelece-se não apenas entre segmentos sucessivos, mas também entre seqüências mais afastadas, entre parágrafos ou porções maiores do texto e mesmo entre conteúdos explícitos e implícitos, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(49) Lutou arduamente durante toda a vida. Mas não conseguiu realizar o seu projeto.

(50) O jovem fez muitos planos para o casamento, pois amava muito a noiva e queria fazê-la feliz. Tudo corria às mil maravilhas. A data já estava marcada e os preparativos corriam céleres. Mas, de uma hora para outra, o castelo desmoronou.

(51) Aguardava, ansiosa, o momento da partida. Aflita, aproximou-se da janela. Mas a chuva persistia.

Além dos articuladores “adversativos”, também os “concessivos” exercem a mesma função:

(52) Embora nada tivesse de seu, nunca reclamava e era feliz.

(53) Apesar de ser atencioso e prestativo, não gozava da simpatia dos colegas.

A diferença, na verdade, está no tipo de estratégia argumentativa utilizada e não na relação semântica em si: pode-se dizer que, quando do emprego de uma adversativa, o locutor põe em ação a “estratégia do suspense”, protelando o momento de deixar claro a qual dos argumentos ele adere; ao passo que, ao usar uma concessiva, ele assinala, por antecipação, o argumento que pretende destruir, o argumento (possível), mas que, em sua opinião, “não vale” (Koch, 1984, 1992; Guimarães, 1981).

O estudo das relações discursivo-argumentativas, que são as responsáveis pela estruturação dos enunciados em textos, tem sido de indiscutível importância para a melhor compreensão do funcionamento textual desde os primórdios da Linguística Textual até os nossos dias.

A progressão temática

As relações entre segmentos textuais estabelecem-se em vários níveis: no interior do enunciado, o relacionamento se dá em termos da articulação tema-rema, que foi objeto central de estudo da Escola de Praga (*Perspectiva Funcional da Frase*). A informação temática é normalmente dada, enquanto a remática constitui, em geral, informação nova. A progressão temática, de um enunciado para outro, realiza-se de diversas maneiras, descritas primeiramente por Danes (1974): progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema, progressão com salto temático. O uso de um ou outro tipo tem a ver com o tipo de texto, com a modalidade (oral ou escrita), com os propósitos e atitudes do produtor. Observem-se os exemplos:

Tema constante:

- (54) As árvores são de extrema importância para o homem. Elas produzem flores, que embelezam a paisagem, e frutos, de que nos alimentamos. Fornecem sombra ao viajor cansado e favorecem a evaporação do vapor d'água. As árvores merecem proteção e cuidados.

Com progressão linear:

- (55) Era uma vez um pobre mendigo. O mendigo tinha um cachorro. O cachorro segurava na boca um chapéu velho e ajudava a apanhar as moedas que algumas almas caridosas jogavam.

Por subdivisão ("explosão", conforme Maingueneau, 1996) de um hipertema:

- (56) O Brasil está dividido em cinco regiões geopolíticas. A região norte compreende a parte do território ocupada pela Floresta Amazônica. A região nordeste tem grande parte atingida por secas periódicas. A região sudeste é a mais industrializada. A região sul recebeu maior número de

imigrantes europeus. Na região centro-oeste localiza-se Brasília, a capital do país.

Por subdivisão do rema:

- (57) Os pronomes ditos pessoais dividem-se em dois grupos. O primeiro é constituído pelos pronomes da pessoa, que nomeiam os sujeitos da enunciação e são, portanto, exofóricos, isto é, não-coesivos; o segundo é o dos pronomes da não-pessoa, que designam os seres a que os sujeitos fazem referência e que funcionam coesivamente.

Com salto temático:

- (58) Chegou à cidade um jovem cientista. O cientista alugou uma mansão enorme. A mansão possuía um belo jardim. (Ø) Plantado com todo o esmero, chamava a atenção dos passantes pela beleza de suas flores.

É preciso ressaltar que dificilmente se encontra em um texto um único tipo de progressão temática. Elas se combinam para dar ao texto a organização desejada.

Contudo, haveria certas "preferências" de determinados tipos de seqüência textual por determinado tipo de progressão temática: a progressão com tema constante adapta-se com perfeição às seqüências descritivas; a progressão com subdivisão do tema ou do rema é bastante apropriada às seqüências expositivas ou argumentativas (*stricto sensu*). Já a progressão linear (inclusive a com salto temático) é comum a todos os tipos de texto, exercendo importante papel na estruturação textual.

É interessante, por exemplo, para a construção de textos pensar a progressão temática linear, como o faz Giora (1983), em níveis mais amplos de análise, ou seja, entre períodos, parágrafos, estrofes de poemas, seqüências textuais e capítulos inteiros de romances.

Giora mostra que a segmentação em vários níveis do texto – linha, sentença, parágrafo, capítulo, estrofe – pode afetar as relações de figura/fundo em dado segmento e distingue os seguintes casos:

1. A segmentação do poema em versos e estrofes permite introduzir material novo na posição final para tematizá-la a seguir: o tema do segmento n+1 é repetição de informação já introduzida na parte remática n (portanto, em *foreground*) do enunciado anterior:

(59) Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...
(Olavo Bilac, "Nel mezzo del
camin", in *Sarças de fogo*)

2. Segmentação no nível do verso ou construção simultânea rema-tema (*enjambement*):

(60) Sou caipira Pirapora Nossa
Senhora de Aparecida
Que ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
(Renato Teixeira, "Romaria")

3. Concatenação via remas concorrentes na prosa:

(61) A trágica notícia não abalou as pessoas presentes e, certamente, não a Maria, que continuou a fazer seu trabalho, cantando alegremente.

Dois elementos concorrem na posição de rema-novo (N-Rema, cf. Fries, 1994) do primeiro segmento, ou seja, elementos finais do rema dotados de maior dinamismo comunicativo. O segundo deles – Maria – é também o tema do segmento seguinte do texto.

4. Introdução de um novo tema em posição final de estrofe, no poema, ou de parágrafo, na prosa: um dos versos de uma estrofe repete-se como o primeiro da estrofe seguinte ou o enunciado final de um parágrafo repete-se como o seg-

mento inicial do parágrafo seguinte. A recorrência, aqui, serve como recurso coesivo. É o que acontece no poema "Pantum", de Olavo Bilac:

(62) Quando passaste, ao declinar do dia,
Soava na altura indefinido arpejo:
Pálido, o sol do céu se despedia,
Enviando à terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...
Cantava perto um pássaro, em segredo;
E, enviando à terra o derradeiro beijo,
Esbatia-se a luz pelo arvoredo.

Cantava perto um pássaro em segredo;
Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Esbatia-se a luz pelo arvoredo:
Caíra a tarde; sossegara o vento.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo:
A terra toda em derredor dormia...
E eu inda estava a tua imagem vendo,
Quando passaste ao declinar do dia!
(in *Sarças de fogo*)

5. Introdução de um personagem em posição remática no final de um capítulo, que vai tornar-se o tema do capítulo seguinte (recurso bastante utilizado, por exemplo, por Lewis Carrol, em *Alice no país das maravilhas*). Veja-se o final do capítulo 4 e o início do capítulo 5:

(63) Ela (Alice) esticou-se na ponta dos pés e espiou sobre a borda do cogumelo, e seus olhos imediatamente encontraram os de *uma grande lagarta azul* que estava sentada sobre ele, com os braços dobrados, fumando tranquilamente um longo *hooka*, sem tomar o menor conhecimento dela ou do que quer que seja.

A *Lagarta* e Alice olharam uma para a outra por algum tempo em silêncio: por fim, a *Lagarta* tirou o *hooka* da boca e dirigiu-se a ela com uma voz lânguida.

Observe-se, também, o final do segundo capítulo e o início do terceiro capítulo do conto “A igreja do diabo”, de Machado de Assis:

(64) O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas e, como um raio, caiu na terra.

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto.

Uma outra acepção de progressão temática diz respeito ao avanço do texto por meio de novas predicções sobre os elementos temáticos (dados ou inferíveis do co-texto). É nesse sentido que, na referenciação por meio de anáforas indiretas (inclusive as anáforas associativas), bem como nos casos de encapsulamento por nominalização, ocorre o que Schwarz (2000) denomina “tematização remática”.

Incluem-se também aqui os diversos tipos de encadeamentos entre enunciados, quer por justaposição (parataxe), quer por conexão, já descritos acima. O encadeamento por conexão de segmentos textuais de qualquer extensão (períodos, parágrafos, partes inteiras do texto) realiza-se por intermédio dos articuladores textuais, os quais, conforme será visto mais adiante, podem não só relacionar elementos de conteúdo ou ter funções de organização textual, como também exercer papel metaenunciativo.

O emprego adequado dos articuladores é também garantia de continuidade temática, na medida em que ficam explicitadas as relações entre os segmentos textuais que interligam, quer as de tipo lógico-semântico, quer as de caráter discursivo-argumentativo.

Progressão tópica

Um texto compõe-se de segmentos tópicos, direta ou indiretamente relacionados com o tema geral ou tópico discursivo. Um segmento tópico, quando introduzido, mantém-se por um determinado tempo, após o qual, com ou sem um intervalo de transição (*transition span*, cf. Goutsos, 1996), vai ocorrer a introdução de um novo segmento tópico.

A progressão tópica pode ser feita de maneira contínua ou descontínua. Isto é, após o fechamento de uma seqüência tópica, tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento ou, então, mudança tópica (*shift*); caso ocorra uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica, provocada pelo que se costuma denominar de segmentos ruptores ou digressivos.

A equipe responsável pelo estudo da organização textual-interativa, no bojo do Projeto “Gramática do Português Falado” (cf. Jubran et al., 1992), descreveu o tópico como porção textual que se caracteriza por:

1. **centração**: primeira propriedade definidora do tópico, que abrange os seguintes traços:

- a) **concernência**: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de qualquer outra ordem – pela qual se dá sua inserção num conjunto de referentes explícitos ou inferíveis que se encontram ativados em determinado momento do discurso;
- b) **relevância**: proeminência desse conjunto de referentes em determinado segmento textual, em virtude da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) **pontualização ou delimitabilidade**: possibilidade de localização desse conjunto tido em dado momento como focal em determinado ponto do texto, através de marcas lingüístico-discursivas.

2. **organicidade**: manifestada pela natureza das articulações que um tópico tem com outros na seqüência discursiva, bem como pelas relações hierárquicas entre tópicos mais ou menos abrangentes: supertópicos, quadros tópicos, subtópicos, segmentos tópicos, segmentos de tópico. Desta forma, o tópico é concebido como uma unidade abstrata, relacional (Jubran et al., 1992; Koch, 1992).

No que diz respeito à distribuição de tópicos na linearidade discursiva, Jubran (1993) estabelece as noções de continuidade e descontinuidade tópicas. Nos termos dessa autora, *a continuidade decorre de uma organização seqüencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um apenas se dá após o fechamento de outro, precedente* (p. 364). Assim, a mudança de tópico, nas situações em que não se projetam mais possibilidades de desenvolvimento do tema anterior, não se caracteriza como descontinuidade.

A descontinuidade tópica, segundo Jubran (1993),

decorre de uma perturbação da seqüencialidade linear, verificada na seguinte situação: um tópico introduz-se na linha discursiva antes de ter sido esgotado o precedente, podendo haver ou não o retorno deste, após a interrupção. Nos casos em que há retorno, temos os fenômenos de inserção e alternância; nos casos em que não há retorno, temos a ruptura ou corte (p. 65).

A inserção é, para essa autora, a interpolação, no tópico em desenvolvimento, de segmentos conversacionais de natureza e extensões variadas, não atinentes ao assunto em pauta naquele ponto da conversação. Vestígios de tópicos já abordados ou a projeção de tópicos posteriores são também considerados inserções. Já as alternâncias, que para Jubran são a divisão de um tópico em partes intercaladas, são variantes da inserção, uma vez que têm, como esta, a propriedade de serem uma interpolação no tópico que se desenvolve, provocando uma descontinuidade provisória e indicando, também, o revezamento de dois tópicos.

De acordo com Jubran et al. (1992), a mudança de tópico pode ocorrer de três formas: após a finalização do anterior, de forma gradativa; por meio de tópicos de transição, que não se encaixam, portanto, em nenhum outro (nesse caso a associação entre tópicos é explicada pelo falante); e pela ruptura, sem que haja, dessa forma, esgotamento do anterior.

Vê-se, assim, que a progressão tópica se realiza pelo encadeamento dos tópicos nos diversos níveis de organização tópica (cf. também Koch, 1992).

Para que um texto possa ser considerado coerente, contudo, é preciso que apresente continuidade tópica, ou seja, que a progressão tópica – no nível seqüencial ou no hierárquico – se realize de forma que não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico em andamento: inserções e digressões desse tipo necessitam de algum tipo de justificação, para que a construção do sentido e, portanto, da coerência, não venha a ser prejudicada. Isto é, a topicalidade constitui um princípio organizador do discurso.

Goutsos (1996) salienta que uma tarefa importante do produtor do texto é indicar a descontinuidade dentro da continuidade mais ampla que se espera do texto, ou seja, cumprir-lhe monitorar a interação discursiva em termos de seqüencialização e segmentar o discurso em blocos, indicando suas fronteiras, isto é, sinalizar a descontinuidade porventura existente entre eles.

O autor pergunta ainda se haveria necessidade de sinalizar também a continuidade, especialmente por se tratar do caso *défault* na interpretação, de acordo com o Princípio da Analogia (Brown & Yule, 1983). Segundo ele, a sinalização da continuidade cria redundância no texto, o que reduz o esforço exigido do leitor, assegurando-lhe que está no caminho certo e possibilitando-lhe ir adiante. Além disso, o reforço da continuidade faria ressaltar a descontinuidade, quando ela ocorresse.

É por todas essas razões que se faz necessário ao produtor do texto mobilizar, na sua construção, estratégias de continuidade e estratégias de mudança (*shift*).

Continuidade, portanto, envolve progressão. A progressão textual, por sua vez, necessita garantir a continuidade de sentidos, o constante ir-e-vir entre o que foi dito e o vir-a-ser dito responsável pelo entretecimento dos fios do discurso. E, para viabilizar o constante movimento de progressão e retroação, o produtor do texto dispõe de uma série de estratégias, entre as quais desempenham papel de relevância as destinadas a assegurar:

1. Continuidade referencial – a continuidade dos referentes (“objetos-de-discurso”), obtida por meio das cadeias referenciais, não permite que estes sejam “arquivados” na memória de longo termo, mantendo-se em estado de ativação – em foco – na memória de trabalho, durante o processamento textual, mesmo quando “encapsulados” ou recategorizados.
2. Continuidade temática – o emprego de termos de um mesmo campo semântico/lexical mantém ativado o *frame* de que tais termos são representantes; por outro lado, em se tratando da progressão por encadeamento, o tipo de relacionamento que estabelece entre segmentos textuais e a explicitação de tais relações sempre que necessário permite ao interlocutor verificar que não se trata apenas de um aglomerado de frases isoladas, mas de um contínuo textual dotado de sentido.
3. Continuidade tópica – o uso destas estratégias garante a manutenção do supertópico e dos quadros tópicos em desenvolvimento, embora com a possibilidade de desvios ou mudanças (*shifts*) – já que os tópicos não são entidades estáticas, mas dinâmicas, podendo ocorrer alterações tópicas ou mesmo introdução de novos subtópicos ou segmentos tópicos, sem que isto venha a prejudicar a construção da coerência. Isto é, inserções tópicas e mesmo as chamadas “digressões”, na grande maioria dos casos, não produzem rupturas de monta, mas, pelo contrário, servem fre-

qüentemente para garantir a construção da coerência (cf. Dascal & Katriel, 1979; Koch, 1999), a não ser nos raros casos de abandono total do tópico em curso.

Em conclusão, pode-se afirmar que há entre os conceitos aqui discutidos uma relação de inclusão: a progressão textual é garantida, em parte, pela progressão/continuidade tópica; esta engloba a progressão/continuidade temática que, por sua vez, repousa fortemente na progressão/continuidade referencial.

Desta maneira, no interior de uma concepção de texto como *evento comunicativo no qual convergem ações cognitivas, discursivas e sociais* (Beaugrande, 1997), progressão/continuidade referencial, progressão/continuidade temática, progressão/continuidade tópica devem ser vistas como resultado de estratégias – cognitivo-discursivas, sociointeracionais e de formulação textual (cf. o próximo capítulo) – postas em ação pelos sujeitos sociais, tendo em mira a construção textual dos sentidos.